

Corpo fechado: um espetáculo muito bem criado por entre culturas populares [ou] Uma obra que o teatro de caixa não consegue conter

Por Alexandre Mate¹

No teatro aquilo que se entrega também volta... Quanto mais doamos mais recebemos. A doação sempre volta.

Jean Fábio (fala do ator durante o bate papo, em 26/10/2021).

Sem dúvida, o ator, cantador e conta[narra]dor – absolutamente disponível e “esparramado” no espaços de representação – é filho prosseguidor de Guimarães Rosa! Então, na condição de filho artístico e reformulador da lição do pai-mestre, por intermédio do espetáculo *Corpo Fechado*, vive-se um espetáculo que retoma, e de modo surpreendentemente reverente, um conjunto de características das formas e tradições populares de cultura.

O deflagrador inicial da obra, na área do público, traz a figura de um daqueles pícaros e charlatões por necessidade, como vendedor ambulante de produtos miraculosos. Por meio do corpo e da fala dançantes, o ator, recebe o público, buscando colocá-lo na cena, na condição de cúmplices e assistentes. Nessa espécie de cena de recepção, há ótimos achados: “calmomila” para acalmar; um chá a base de catuaba, membro de quati e outro componente para os “ponteiros” marcarem sempre o meio dia... Em determinado momento de sua preleção, ele se diz honesto e não vender ivermectina ou cloroquina, isso faz o público ovacioná-lo e aplaudi-lo de modo cúmplice. Enfim, seguindo a tradição dos artistas de feira, mesclando astúcia, carisma e sedução, o “vendedor milagreiro” sai da área do público e leva todo mundo para o palco.

¹ Alexandre Mate é mestre pela ECA/USP, Doutor em História Social pela FFLCH/USP; professor-orientador no programa de pós-graduação do Instituto de Artes da Unesp/SP; dedica-se à pesquisa teatral, autor de inúmeros textos e alguns livros na área teatral.

De sua fala inicial, sugeriria apenas que o vendedor, no lugar de prestar tributos à paz (que se caracteriza em uma abstração burguesa), que ele o fizesse trazendo o concreto e histórico conceito de justiça!

No palco, o excelente efabulador, conta sua história, então caracterizado por outra figura, diretamente inspirada no conto “Corpo Fechado”, do livro *Sagarana*, de João Guimarães Rosa. Jean Fábio, que atua e é responsável pela dramaturgia de texto, extrai da obra de Rosa determinadas características que são costuradas, sobretudo por meio de um processo narrativo de quem conhece a arte do ofício. Desse modo, não tratarei da obra original, em razão de lê-la, como se dizia, pela lavra de Rosa, é um presente ao viver sensível.

Feu Andrade, o diretor e Jean Fábio, o ator e dramaturgo formam uma dupla impecável. A obra, indiscutivelmente, é fruto de um meticuloso processo de trabalho partilhado, construído a quatro “mãos e o sentimento do mundo”. Desse modo, tem-se um espetáculo, que faz esplendor certo tipo humano de gente que caracteriza/forma o Brasil. O trabalho de Jean Fábio é comovedor, o ator: canta, dança, narra, interpreta, toca instrumentos... é aquilo que antigamente se chamava de ator completo! Ele seduz pela beleza de sua atuação e nos leva, se amantes e sensíveis formos à beleza de nossos quintais mais próximos, pelos caminhos mais legítimos das expressões populares. Realmente, a performance expressiva do ator é tsunâmica: Jean não tem uma relação 100% frontal. Ele rodopia em cena, e manifesta, de certo modo, os 360° em seu trabalho. Nesse particular, para quem quiser “comprovar” tal aspecto, basta assistir o espetáculo filmado, ao vivo, no Teatro Cine Santana, em 26 de outubro de 2021.

Em determinados momentos, confesso, perdi a narrativa textual por entregar-me à experiência estética, apresentada pelo intérprete. Como manifestei no bate-papo, após a apresentação do espetáculo, fiquei muito comovido com a bela experiência vivenciada por meio de obra tão sensível. Para “os arremates de encerramento”, Jean volta à área de público, promovendo ali o desfecho da trajetória vivida. Feito peixe, por entender a rede que me atraía, deixei-me fisgar, e quando Jean Fábio tocou e apresentou alguns versos da belíssima *Capoeira do Arnaldo*, do ma-ra-vi-lho-so Paulo Vanzolini, me permiti... fui!

Por último, é preciso manifestar a excelência criativo-interpretativa de alguns atores e atrizes joseenses em seus trabalhos. A partir de diferentes possibilidades formais, tratamentos e procedimentos estéticos, algumas obras comovem enormemente e caracterizam-se, exatamente pela beleza de que são feitas, em alentos significativos para suportar esses tempos tão difíceis da vida.

Salve toda a gente envolvida no Festivale! Salve o teatro!.